

A adormecida  
Edgar Allan Poe

I.

À meia-noite, ao sexto mês  
A áurea lua em minha tez.  
De sua orbe um vapor  
Exprime orvalho em torpor,  
Pingando suave ali perfaz,  
No topo da montanha, paz.  
Dormente esta névoa vem  
Enquanto cobre o vale além.  
À cripta pende o alecrim  
E os lírios sobre o mar carmim,  
Neblina envolve o busto teu,  
Ruína que repousa ao breu;  
O lago, afim a Lete o rio,  
O léu, alerta, assumiu,  
Do sono então jamais saiu.  
As Belas dormem! – vê! Jazer,  
Irene, tua Sina sê!

II.

Amada! Podes me assentir  
P'ra noite a janela abrir?

O ar alegre e fugaz  
Por copas verdes tranças faz –  
O ar etéreo, em carretel,  
Perpassa por teu mausoléu,  
Enleia o véu de ondas em  
Espasmos – temerosos – bem  
Acima do tenaz caixão  
Que encerra ali teu coração,  
Tal como assombrações em gris,  
As sombras perambulam vis.  
Querida, não temeis o mal?  
Quais são teus sonhos, afinal?  
Pois de país distante vens  
E toda atenção reténs!  
Estranha a tua alvura é,  
Estranhas mechas tens, até  
Estranha é a tua fé!

III.

Que a dama possa repousar,  
Seu sono o céu a vigiar  
E profundo venha a ficar!  
O leito torna-se um calvário  
E o mausoléu um santuário.  
Que para sempre, eu peço a Deus,  
Cerrados olhos sejam teus

A os fantasmas camafeus!

IV.

O meu amor a repousar,  
Os vermes sobre ti passar  
E teu descanso aprofundar!  
Floresta adentro, que algum  
Jazigo, belo, incomum,  
Suas portas abra para ti  
E que, imponente, possa ali,  
Zelar por ti sob os umbrais  
De familiares ancestrais.  
De sua infância o que restou  
Foi a memória que bradou  
Das muitas pedras que jogou  
Na porta que jamais irá  
Algum ruído ecoar lá.  
Criança, sabes que a voz  
Dos mortos é um som atroz.